TL 382

VISITA A TIMOR: - O MEDO DOS GENERAIS INDONÉSIOS INVIABILIZOU-A

A. Barbedo de Magalhães
1991.11.04

1 - A INCOERÊNCIA E A RESPONSABILIDADE AMERICANAS

A visita da Delegação Parlamentar Portuguesa a Timor era de extrema importância para dar visibilidade mundial à dramática violação dos direitos dos timorenses, e à sua indómita vontade de se libertarem do ocupante indonésio. Ela marcaria também o reencontro deste povo mártir com o Portugal quase mítico, com a potência administrante cujo regresso é tão ansiosamente desejado, para pôr termo aos rios de lágrimas e de sangue em que se transformou a vida dos timorenses, nestes longos dezasseis anos em que o império javanês os tem esmagado. Não é de estranhar, por isso, a sua enorme frustação, por a visita não se ter já iniciado, em 3 de Novembro, como estava previsto. E também não admira que não compreendam como é que Portugal pode pôr em causa uma missão tão importante, e na qual depositavam tantas esperanças, só por causa do veto indonésio à ida de uma jornalista. Muitos, fora de Timor-Leste também não entendem nem aceitam esta postura portuguesa. Mas, seria esta, de facto, a verdadeira causa da recusa?

Ali Alatas disse que os Estados Unidos e a Austrália se opunham à deslocação e tinham sugerido ao Governo Indonésio que levantasse dificuldades à visita parlamentar para a inviabilizar. O ministro indonésio é um mentiroso, mas nem sempre. E embora a resposta americana a esta insinuação, contida numa recente nota diplomática, desminta Ali Alatas, ela é, de facto, esclarecedora da posição americana contra a visita.

Com efeito, a referida nota entregue pela Embaixada Americana em Lisboa ao Governo Português afirma que os Estados Unidos *"apoiam o diálogo"* mas *"não acreditam que a intervenção directa dos E.U. seja útil"*. *"Portugal e a Indonésia devem resolver o assunto por si próprios"*, acrescenta, como se a invasão e ocupação de um território estrangeiro por uma potência vizinha e o genocídio de todo um povo fosse uma mera questão bilateral e não um problema internacional.

A visita parlamentar a Timor-Leste foi acordada sob os auspícios do Secretário Geral no quadro de um mandato que lhe foi conferido pela Assembleia Geral das Nações Unidas, pela sua resolução 37/30 de 23/11/1982, e é óbvio que só nesse contexto fazia sentido.

os EUA, [redacted] reduzido a um problema bilateral,

Ao pretender afastar [redacted] do processo, os americanos estão não só a dizer que não querem que a visita se faça, mas também a tentar escamotear a sua incoerência de pretensos defensores dos pequenos povos e estados contra as ambições dos seus poderosos vizinhos, como diziam ser, aquando da invasão do Kuwait.

Tudo se passa como se para os Estados Unidos a ONU não passasse de um instrumento da sua política externa. E é grave que a desejável derrocada dos regimes comunistas do leste, ao acabar com um mundo bipolar tenha transformado o Secretário geral da ONU num refém de Washington. Só assim se compreende que a segurança da delegação - e, sobretudo, dos timorenses antes, durante e depois da visita - não tenha sido assumida pelas Nações Unidas. Só assim se consegue explicar o injustificável silêncio do Secretário Geral perante o desrespeito indonésio dos acordos estabelecidos ...

Os generais indonésios e, com eles a admninistração americana, pensaram que bastaria essa falta de protecção e as campanhas de terror indonésias para impedir os timorenses de se manifestarem e para a visita se tornar um *"êxito"*. Se assim fosse conviria que a visita se fizesse e até que tivesse grande eco. Mas, porque tudo indicava que os timorenses se dispunham a pagar com as suas vidas o preço que fosse necessário, para fazer chegar ao mundo o seu grito de dôr e de revolta e a sua indómita vontade, havia que evitar esse desaire, que comprometeria os interesses americanos e poria a nu - aos olhos do mundo - a sua incoerência.

Não tendo sido suficiente a ausência de observadores da ONU - apesar de uma compreensível carta do bispo D. Ximenes Belo a desaconselhar a visita dada essa falha essencial do acordo estabelecido em Nova York sob os auspícios do Secretário Geral da ONU, - importava criar outros obstáculos à visita. Daí que os indonésios se tenham *"lembrado"*, à última da hora, de vetar três jornalistas.

A justificada intransigência portuguesa fê-los pensar que três vetos eram de mais. Um já era suficiente para inviabilizar a visita, e recuaram. Mas se Portugal tivesse cedido, outros entraves seriam inventados pelos indonésios. Só o Secretário Geral da ONU os poderia impedir de jogadas tão desonestas ... se os americanos o apoiassem nesse sentido!.

Se a visita a Timor não se fez foi porque os generais indonésios não controlam a situação e tiveram medo e, perante isso, americanos e australianos a não desejaram.

Portugal deve mantê-la como uma hipótese em aberto. mas as probabilidades são pequenas de se vir a concretizar se os Estados Unidos a não apoiarem honestamente.

Se hoje há terror e morte em Timor e não estão lá capacetes azuis nem observadores das Nações Unidas para o impedir, é porque os EUA o não querem e porque o Secretário Geral se curvou perante a vontade dos *"senhores do mundo"*.

A gravidade do problema de Timor - comparável ao da invasão do Kuwait e, em termos de genocídio, ainda muito mais grave - e a situação de terror que neste momento se vive, merecem uma reunião do Conselho de Segurança da ONU. Portugal deve solicitá-la. E, se os nossos *"aliados"* americanos tiverem um mínimo de coerência e forem capazaes de ver para além dos seus actuais interesses, devem apoiá-la.

2 - QUAL A POSIÇÃO DO VATICANO?

A imprensa revelou que uma das mais recentes cartas do bispo D. Ximenes Belo terá chegado ao Presidente da Assembleia da República pela mão do Cardeal Patriarca. Curiosamente esta era, exactamente, a carta em que D. Ximenes Belo desaconselhava a visita, já que não estava assegurada a presença de observadores da ONU. Observadores que, repita-se, na óptica americana não deveriam ser envolvidos no processo ...

Não deixa de ser curisosa a coincidência de uma carta neste sentido ser veiculada pela mais representativa figura da Igreja Católica portuguesa. Terá isso alguma coisa a ver com a posição do Vaticano?

Também constou que Xanana Gusmão pretenderia *"entregar-se"* à delegação parlamentar.

Embora não nos repugne a ideia de que uma das estratégias da Resistência pudesse passar pela transferência para Portugal do seu líder carismático, não podemos deixar de recordar a insistência com que o Vaticano, através da sua nunciatura em Jakarta, e até por

intermédio do próprio bispo D. Ximenes Belo, já fez propostas nesse sentido a Xanana Gusmão.

Por isso surge-nos à mente, inevitávelmente, a pergunta: - Xanana Gusmão previa, na sua estratégia, entregar-se (e, nesse caso, importaria saber com que objectivos) ou alguém, por ele, queria que ele tivesse planeado entregar-se?.

Quando foi anunciado que a visita parlamentar já não se fazia (pelo menos nas datas previstas) os soldados indonésios não hesitaram em atacar igrejas e em cometer assassínios, mesmo usando igrejas como palco. O objectivo é óbvio: - criar ainda mais insegurança aos timorenses, fazendo-os crer que nem Portugal nem mesmo a Igreja timorense os pode defender.

Até agora nem o Vaticano nem a Igreja portuguesa reagiram de forma visível. Irão fazê-lo, arrastando consigo a Igreja Universal? Ou irão calar-se mais uma vez?

E como reagirão se a Indonésia, como tudo indica, quizer fazer sair de Timor os padres timorenses que ainda restam e em quem o povo confia?

Será que o Vaticano vai atraiçoar, mais uma vez, o povo de Timor-Leste?

Será que os bispos portugueses vão marginalizar Timor, como já algum o fez a propósito das comemorações dos V Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas?

Pelo fruto conheceremos a árvore ... Esperamos que, desta vez, a voz da consciência fale mais forte.

3 - A INDECISÃO E INCOMPETÊNCIA PORTUGESAS

O trauma que estão a sofrer os timorenses resulta, em grande parte, do seu isolamento do exterior e de os Orgãos de Soberania portugueses não terem tido o cuidado de rapidamente fazerem chegar a Timor um sinal claro de solidariedade e uma mensagem que esclarecesse a posição de Portugal.

Há muito tempo que os grupos de solidariedade e outras instituições e personalidades vêm chamando a atenção dos Orgãos de Soberania para a necessidade de criar e alimentar canais de comunicação nos dois sentidos. Infelizmente a resposta do Governo tem sido demasiado frouxa, e nem sequer um mísero programa radiofónico foi posto no ar para o efeito!...

Há anos que temos chamado a atenção para a necessidade de alternativas à visita - já que desde sempre foi previsível que ela pudesse não vir a ter lugar. Infelizmente tudo se passa como se o país tivesse ficado desarmado perante o desfecho que esta teve.

Entretanto muitas iniciativas foram bloqueadas. Não só as que a Comissão Eventual da Assembleia da República tinha nos seus sucessivos programas, como a reunião internacional de parlamentares, o livro branco sobre violações dos direitos humanos em Timor, filme e outro material de divulgação, etc, quase todas sistematicamente adiadas por decisão superior ...

Além disso também foram travadas iniciativas de terceiros, que poderiam ter aberto caminho a uma maior internacionalização do problema, que hoje daria outra margem de manobra a Portugal.

Basta citar o exemplo de uma brochura feita a propósito das II Jornadas de Timor da Universidade do Porto, que o Reitor previa divulgar pelas universidades de todo o mundo. Contendo uma introdução histórica ao problema e ao contexto internacional do mesmo, e resumos das intervenções então apresentadas, há cerca de meio ano que o texto da mesma foi traduzido para francês e inglês. A Comissão Eventual da Assembleia da república, com o apoio de representantes de todos os partidos que a compunham, por duas vezes aprovou a sua publicação pelo Parlamento, fazendo as correspondentes propostas nesse sentido. Até hoje o Presidente da Assembleia cessante arranjou sempre pretextos para a entravar!...

4 - APESAR DAS DECEPÇÕES A PROJECTADA VISITA DEU ALGUNS FRUTOS

Cerca de dez dias antes do cancelamento (temporário?) da visita, em entrevista ao noticiário da tarde da RTP 1 afirmamos que, mesmo que a visita se não fizesse, a sua preparação e tudo o que a envolveu tinham já permitido tirar conclusões do maior interesse.

A mobilização, para Timor-Leste, de dezenas de milhares de soldados e agentes secretos indonésios, as permanentes campanhas intimidatórias, incluindo as ameaças de morte aos timorenses que se aproximassem da delegação parlamentar portuguesa, a abertura de valas para sepultar os mortos da carnificina prometida pelos ocupantes para depois da visita, a prisão e desaparecimento de timorenses que sabiam falar português, a interdição de que as agências noticiosas levassem o seu próprio equipamento de transmissão de imagens e de notícias para o exterior, tudo isso mostrava já o carácter ditatorial e mesmo criminoso do regime indonésio. Isso e o programa da visita imposto pela Indonésia, quase sem um momento para a delegação contactar com os timorenses, enredada como ficava em múltiplas deslocações em transportes indonésios e com *"segurança"* indonésia, e o tempo preenchido com visitas oficiais, mostrava já claramente a preocupação dos ocupantes em contrariar o enorme desejo dos timorenses de receberem e se aproximarem da delegação.

E são inúmeros os testemunhos de que apesar de tudo os timorenses iriam saudar a delegação portuguesa e transmitir o seu repúdio generalizado pela integração e o inequívoco desejo de que os ocupantes indonésios retirassem e que uma administração portuguesa voltasse a ser restabelecida no território, repondo assim a legalidade internacional.

Basta saber ler os sinais contidos nas tão restritas condições impostas pela Indonénia à visita, e os testemunhos de numerosas cartas e mensagens entretanto recebidas. Esperamos que as autoridades portuguesas saibam tirar partido desses elementos tão importantes.

Além disso o boicote indonésio à visita revelou claramente a fraqueza do regime e as suas divisões internas. Entre o sim dos políticos e o não dos militares em relação à deslocação, acabaram por dominar os segundos. Esse não é um sinal de força, mas sim de fraqueza do regime indonésio como um todo, e dos seus falcões em particular.

É que isso prova que nem mesmo uma mobilização, sem precedentes, de dezenas de milhares de soldados e agentes secretos indonésios para Timor-Leste, foi suficiente para assegurar o controlo do território por parte dos ocupantes. Isto, ao fim de dezasseis anos da mais brutal ocupação, com todo o apoio americano e de meio mundo, é uma humilhante derrota para os generais indonésios.

Com razão dizíamos, em entrevista à RTP 1 em 16 de Outubro passado que os indonésios estavam a dar sinais de um autêntico pavor perante a hipótese de a visita se concretizar!

Infelizmente, para os timorenses - e também para a população indonésia - a administração americana ainda não julgou chegada a hora para demoratizar o regime de Jakarta.

Esperemos que essa hora não chegue tarde de mais, pois não é impossível que na Indonésiaz aconteça algo parecido com o que se passou no Irão e no Iraque. Quando o Xá Reza Pahlavi, da Pérsia, foi destituído (em 1979), para dar lugar ao mais radical dos regimes islâmicos, ele era o mais ocidentalizado dos dirigentes da região. Depois, foi Saddam Hussein que se tornou no mais laico dirigente de um estado islâmico. Por isso foi tão apoiado e armado pelo Ocidente .. até invadir o Kuwait.

Agora, Suharto dirige o único governo não islâmico de uma nação de larga maioria mulçumana (mais de 80% da população), e que é exactamente a mais populaso nação predominantemente muçulmana do mundo!

Só a democratização pode evitar, a prazo, a islamização do Estado Indonésio. Mas quando o Ocidente, pela mão de Washington e de Roma, apoia os maiores crimes do regime, incluíndo o genocídio do Povo Maubere, e se torna na imagem mesma da corrupção e da derrocada de todos os valores, a reacção pretensamente moralizadora do integrismo islâmico torna-se, aos olhos de muitos, como a única via de salvação. Esperamos que, com a incoerência e a falta de ética de que - face ao drama de Timor-Leste - Washington e o Vaticano têm dado tantas provas, estes dois pilares do Ocidente não estejam a abrir caminho a mais uma *"guerra santa"* de catastróficas consequências. Se fosse esse o caso teríamos que chorar não só os mortos timorenses mas também os mártires cristãos indonésios e tantos outros que a rebelião islâmica queimaria no seu fogo pretensamente purificador ...

Sem o respeito pelos direitos dos timorenses não haverá democracia na Indonésia, e sem democracia tudo pode acontecer.

O boicote indonésio á deslocação parlamentar mostra, sem sombra de dúvida, que o regime de Suharto está frágil e a liderança divídida.

Se a resistência timorense for capaz de serenidade, se o Vaticano tiver a suficiente firmeza, se Portugal souber tirar partido dos dados que a projectada visita permitiu recolher, o salto qualitativo pode ser dado.

Aos americanos caberá o discernimento e a escolha entre a transição para a democracia e a derrocada indonésia. Geralmente a lucidez diminui quando o poder aumenta... sobretudo se quem ainda tem lucidez não for capaz de aconselhar quem detem o poder.

Para acabar com o drama de Timor e resolver o problema indonésio do regime, são precisos políticos que da política tenham a dimensão humana. Porque quem tiver a mentalidade do capataz - que sabe de antemão que tem o êxito assegurado se servir o mais forte - não poderá senão contribuir para a catástrofe.

Mesmo sem a visita parlamentar, um grande passo foi dado. E, apesar da fraqueza militar da Resistência Maubere, ela saíu vitoriosa. A sua coragem amedrontou os indonésios, a tal ponto que estes, mesmo depois de uma mobilização sem precedentes, temeram a visita e desistiram dela. Se a visita não teve lugar foi porque a Indonésia teve medo.

A brutalidade indonésia e a generosa coragem dos timorenses não ficarão sem resposta. Embora mais lentamente do que seria desejável e necessário, a revolta contra a opressão a que os indonésios continuam a submeter os timorenses generaliza-se através do mundo, e terá, a prazo, os seus efeitos.

Se a deslocação parlamentar tivesse tido lugar, a vitória da coragem timorense tornar-se-ia mais clara aos olhos do mundo. Mas, mesmo assim, foi uma vitória.